



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **SEXUALIDADE INFANTIL: REFLETINDO O PAPEL DA ESCOLA**

Esley Porto

*Universidade Estadual da Paraíba (esleyporto1@hotmail.com)*

### **Resumo**

A criança começa a desvendar suas curiosidades no meio social a qual está inserida. É dever da sociedade – principalmente através da família e também da escola – auxiliá-la nesse período caracterizado por diversas dúvidas e constantes descobertas. O educador é peça fundamental para orientar e esclarecer as crianças sobre os questionamentos que surgirem, mas, para isso, deve ele ter um breve conhecimento crítico sobre a complexidade do assunto e, acima de tudo, desapegar-se da ideia que a escola tem como função ensinar formas “corretas” e predefinidas sobre como as crianças devem florescer sua sexualidade, pois cada criança tem sua maneira de pensar e de interpretar a composição de seus corpos, de forma única. Sendo assim, o estudo tem como objetivo refletir os desafios que os educadores têm ao trabalhar a sexualidade infantil nas escolas de nível básico, procurando analisar quais as melhores maneiras de discutir tal assunto em um ambiente composto por pessoas em constante desenvolvimento físico, emocional e psicológico.

*Palavras-chave:* Criança, Sexualidade infantil, Educador.

### **Introdução**

Sexualidade é um assunto que vem sendo constantemente discutido no sistema educacional. As novas teorias que buscam falar sobre o tema pregam um progressivo afastamento da ideia genérica de que esta é atrelada apenas ao comportamento animal de reprodução através do sexo, mas também uma questão psicológica do ser, afetada por fatores individuais, biológicos, religiosos e socioculturais.

À criança, a curiosidade sobre o próprio corpo é iniciada ainda na infância. Ela, então, procurará entender questões “sobre seu corpo, sua identidade, seu papel, o que é permitido ou desaconselhável na sociedade em que vive” (SOUZA, 1999, p. 35). Dessa forma, as pessoas pertencentes a essa faixa buscam meios alternativos e informais de sanar suas dúvidas, a exemplo dos colegas da mesma idade ou por fontes não confiáveis ou seguras.

Surge, assim, a necessidade de debater o assunto na escola, ambiente que tem o objetivo de formar cidadãos críticos e coerentes sobre as questões contemporâneas do ser e da sociedade. O educador, que muitas vezes serve de inspiração e espelho para o aluno, deve analisar a real



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

problemática da temática, estabelecendo novos olhares e se livrando de antigos estereótipos, na tentativa de minimizar o preconceito à cerca do tema e melhorar a sua aceitação nas escolas.

Nos Três Ensaaios sobre a Teoria da Sexualidade (FREUD, 1905), foi apresentada a ideia que as experiências sexuais na infância contribuem para futuros comportamentos na vida adulta. Tal afirmação foi considerada revolucionária, pois contestava as ideias moralistas da época que pregavam que as crianças eram seres puros e inocentes. Hoje ainda existem resquícios desse modo de pensar, entretanto, pouco a pouco se percebe que as crianças também têm desejos, fantasias, dúvidas e prazeres.

No momento em que se notou a necessidade de discutir a sexualidade no contexto da educação básica, se esperava a resistência e a discordância dos pais e familiares. Entretanto, nos dias atuais, os próprios pais veem a escola como aliada para ajudar a sanar as dúvidas das crianças, bem como para orientá-las de forma consciente e adequada, com a presença de profissionais capacitados sobre o assunto.

Nesse sentido, o presente artigo objetiva uma reflexão acerca da sexualidade trabalhada no contexto da educação infantil, levando em consideração a maneira que os professores estão tratando o referido tema com as crianças. Foi analisado, portanto, quais as práticas pedagógicas adequadas para lidar com as diversas barreiras existentes no que se refere à discussão da sexualidade infantil no meio educacional, e qual deve ser a postura do educador, da gestão escolar e da família nesse processo.

## **Metodologia**

Essa reflexão tem como intenção conseguir resultados a partir da pesquisa qualitativa, em que tentou-se analisar informações existentes relativas à temática ora em questão. Para atingir os resultados esperados, utilizou-se a pesquisa exploratória, buscando uma maior familiaridade com o tema pesquisado.

É no cenário familiar que as crianças recebem suas primeiras orientações sobre a sua sexualidade. Entretanto, é comum que os pais, por não terem recebido uma orientação adequada sobre sexualidade infantil, quando crianças, tentem fugir da responsabilidade de esclarecer e entender os questionamentos dos filhos. Buscam, portanto, o apoio da escola.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Dessa forma, como foi ressaltado, cada vez mais torna-se necessário discutir a sexualidade infantil no cenário educacional. Por isso, o tema vem sendo trabalhado, constantemente, há anos. Como mesmo aponta os Parâmetros Curriculares,

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos (BRASIL, 1995, p. 295).

Para discutir o tema com coerência na escola, é necessário que o educador seja um sujeito munido de conhecimento prévio sobre o assunto, servindo, dessa forma, como uma espécie de orientador para a criança. Ressalta Ribeiro que “este orientador deve ser confiável, e somente suas atitudes farão com que os alunos, pais e professores tenham esta confiança no seu desempenho e na sua resposta” (RIBEIRO, 1990, p. 55).

### Resultados e Discussões

- *Sexualidade: Percorrendo esse Caminho*

Segundo Mullinar (1993) o desenvolvimento da sexualidade inicia-se ainda na vida intrauterina e sofre uma série de mudanças durante toda a vida, sendo caracterizada, principalmente, na fase infantil e na adolescência. O autor afirma:

Sexualidade são sentimentos relacionados ao fato de ser homem ou mulher e o jeito como a gente expressa esses sentimentos. Algumas pessoas exploram a sexualidade através de fantasia sexual ou masturbação. Muitas pessoas exploram a sexualidade através do contato sexual e de seus relacionamentos com outras pessoas (MULLINAR, 1993, p.103).

Desse modo, é na infância que a criança se descobre como “menino” ou “menina”. Nesta descoberta estão envolvidos diversos fatores e a educação sexual oferecida pelos pais e pela escola é de extrema importância. É necessário, portanto, repensar sobre o tipo de educação que a criança tem recebido, se está adequada com tal fase, se existem preconceitos e repressão que poderão



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

contribuir para diversos problemas, tanto na aprendizagem, quanto no comportamento e, principalmente, quanto as relações interpessoais e sexuais futuras.

Nesse contexto, para realizar um trabalho de orientação sexual voltado para crianças é preciso utilizar uma linguagem simples e uma metodologia adequada, caso contrário, a criança se sentirá intimidada ou confusa e os objetivos não serão alcançados. A educação escolar sobre esse assunto deve ser contínua e ampliada de forma multidisciplinar fazendo com que os professores de diferentes disciplinas possam atuar neste sentido. Conforme Egypto (2003, p.14): “Se a escola se omite, se não trabalha o assunto, está deixando que esta sexualidade continue a ser tratada só informalmente, pelo que acontece em casa, na rua, pelo que se recebe da mídia”.

No ambiente familiar a sexualidade pouco é discutida. Para Suplicy (1995.p.33) “muitos pais acham difícil falar sobre sexo com os filhos. Educados em outra época, eles sentem dificuldade em agir de forma diferente, apesar de acharem que a educação que receberam não foi boa para eles e desejarem que tivesse acontecido de outra forma”. Assim, é dever da escola contribuir para uma formação sexual da criança que favoreça práticas seguras, para que esta se torne um adulto responsável e consciente.

A desinformação, a ignorância e as mentiras são problemas que influenciam no tipo de educação oferecida pelos pais. O despreparo em conversar sobre sexo e responder as perguntas dos seus filhos levam a omissão e repressão dos sentimentos da criança, causando graves problemas na formação do indivíduo que ainda está em processo de constante aprendizagem sobre as mais variadas questões.

- *O Desenvolvimento da Sexualidade Infantil: Refletindo o Papel do Educador*

Entender a sexualidade humana nunca foi tarefa fácil, ainda mais se tratando de Sexualidade Infantil no conjunto de fatores que precisam ser considerados, como a educação familiar, a cultura, a influência da mídia e dos meios de comunicação de uma forma geral para que tal sexualidade seja formada. Nesse aspecto a escola – representada principalmente pelos professores – exerce um papel fundamental. Entretanto, lidar com as diversas situações que ocorrem no cotidiano escolar, com as crianças, requer preparo e conhecimento por parte do educador.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1996), o ser humano inicia sua sexualidade desde o nascimento, nos primeiros contatos com a mãe. Portanto, a sexualidade é uma questão que ultrapassa a capacidade reprodutiva, ela está relacionada com a busca de prazer. Porém, a sociedade e a cultura constroem ao longo da história, regras ou padrões de maneiras de agir, que servem para “controlar” e “rotular” o comportamento sexual do indivíduo.

Nesse contexto, para que o educador consiga trabalhar bem esta temática na escola, deve se desprover de preconceitos e opiniões prontas, e até mesmo do tipo de educação sexual que recebeu, pois nem sempre será a mais adequada para as crianças. Ainda conforme os Parâmetros, a vivência da sexualidade por parte da criança é fundamental, uma vez que é um aspecto essencial no desenvolvimento dos seres humanos. É comum, na infância, a exploração do corpo, uma vez que esta é uma fase de descobertas. Certas reações dos adultos que convivem com a criança muitas vezes ocasionam em aspectos negativos para o indivíduo dessa faixa etária: traumas e bloqueios que prejudicam para o resto da vida. Cabe a cada educador está preparado para enfrentar situações como estas. A curiosidade em observar o corpo, e as relações familiares é que vão despertar nas crianças a diferença entre o masculino e o feminino, ou seja, do corpo sexuado. A criança percebe e participa do tratamento diferenciado entre meninas e meninos, as relações de gênero que fazem parte e precisam ser trabalhadas em conjunto com a sexualidade.

Dessa forma, é no meio de tanta adversidade, e de tantos fatores, que este trabalho torna-se difícil de ser tratado. As maiores dificuldades, porém, surgem pelo desconhecimento e despreparo dos educadores em tratar sobre o assunto: punições, castigos e até suspensão de aulas são comuns, pois, para alguns educadores, a criança não possui sexualidade. Porém, percebe-se que aumenta o número de profissionais da educação que veem a sexualidade infantil como extremamente importante para o desenvolvimento humano.

Na concepção de Lajolo (1999), a criança foi concebida e tratada de diferentes maneiras, em diferentes momentos e lugares na história da humanidade: serão tantas as infâncias quantas forem as ideias, as práticas, os discursos que se organizam em torno daquelas que fazem parte desta faixa etária. A autora dá ênfase ao fato de que todo estudo sobre crianças é feito sobre a visão do adulto. Logo é falho, pois não consegue considerar todas as especificidades da fase. Mostra ainda o perigo em tentar “educar” buscando obediência e docilidade. O professor muitas vezes acredita que está



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

educando, quando na verdade está repetindo um discurso já pronto, corroborando ainda mais em deixar o ambiente escolar ainda mais autoritário.

Nesse sentido, é fundamental a análise dos conteúdos e suas finalidades. O educador precisa refletir sobre suas ações na escola, na maneira que está orientando as crianças. A partir daí deve usar seu conhecimento, adquirido através de estudo, na sua realidade escolar.

De acordo com Camargo e Ribeiro (1999), com a responsabilidade em mãos de “educar” um grupo de crianças que tem diferentes tipos de cultura e, conseqüentemente, distintos tipos de comportamentos, muitas vezes o professor se depara com situações não aceitáveis, nem para ele, como também para a sociedade, comportamentos estes que, para a psicologia e a sexualidade infantil, são normais. O professor, dessa forma, se depara, então, com uma dúvida que, se não refletida de forma coerente, pode ser bastante prejudicial ao alunado. Como o professor deve atuar frente a essas questões? Se a sociedade, por sua vez, tem o domínio do controle do “comportamento correto”, seja ela em suas diferentes instituições – família, escola, igreja, etc – será que terá o professor coragem para interferir ou estimular alguns comportamentos aos seus alunos, já que, na infância, a criança está descobrindo seu próprio corpo e um dos locais de exploração dessa fase acontece na escola, local também propício para a socialização e interação com os demais colegas?

Ao educador cabe a observação das ações expressas pelas crianças e as atitudes a serem desenvolvidas, sem que haja preconceitos nem recriminações, pois é nessa fase que a personalidade do desenvolvimento da libido, que é uma fonte instintiva de energia presente desde a primeiríssima infância, se expressa como brincadeiras e descobertas entre as crianças. Enquanto crescem estas aprendem a direcionar a energia sexual para longe dos pais, ou seja, é na escola que elas sentem-se livres para as novas descobertas.

Segundo Paín, citada por Camargo e Ribeiro (1999, p.73), outra discussão que acontece na Educação Infantil refere-se a gênero. Meninos e meninas constituem-se na dinâmica interativa, e o educador pode colaborar para cristalizar e dicotomizar comportamentos próprios para homens e mulheres. O professor nesse sentido pode oferecer condições e situações dentro do contexto escolar que leve a criança ao questionamento de padrões socialmente estabelecidos, levando o indivíduo a entender que realmente existem dois sexos, mas que não obrigatoriamente existem apenas dois tipos



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de gêneros, pois são várias as maneiras que se pode ser homem ou ser mulher. E é isto que faz com que a criança comece a aceitar as diferenças entre os sexos.

Para a autora, o trabalho educacional no que se refere a sexualidade infantil implica na discussão de assuntos sociais, morais e éticos. Sendo assim é de fundamental importância que relações de liberdade, autonomia e respeito à particularidade de cada aluno estejam sempre presentes em todo o trabalho a ser desenvolvido com as crianças, e em especial no que se refere à sexualidade.

- *Desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para a sexualidade infantil*

A criação de atividades que possam favorecer o trabalho de sexualidade infantil nas escolas está relacionado com a cultura, com as condições sociais e econômicas, como também o tipo de educação que os educadores, pais e crianças receberam. A partir dessas considerações, as práticas pedagógicas podem ser planejadas. Os Parâmetros Curriculares oferecem um direcionamento sobre como trabalhar temas que abordam a sexualidade com crianças e, apesar das dificuldades enfrentadas pelos professores, este e outros instrumentos de pesquisa podem contribuir muito para a construção e realização de atividades que possibilitem e favoreçam o desenvolvimento sexual saudável.

A autora Tanure mostra, no livro *Sexualidade(s) e Infância(s)* (1999), que mesmo com a dificuldade de trabalhar o assunto nessa faixa etária é possível realizar um trabalho bem-sucedido. Para conseguir êxito na abordagem do tema em sala de aula, a educadora trabalhou com diversos tipos de atividades, a exemplo de música, desenhos, histórias, poesias, teatro, quebra-cabeça, dentre outras. Depois dessas aulas, as crianças construíram seu próprio conhecimento sobre o assunto. De maneira simples, dúvidas frequentes nessa idade foram esclarecidas, logo os mitos e as mentiras inventadas pelos adultos foram desmistificados. O despreparo de professores e pais em lidar com a curiosidade da criança gera nela um sentimento de culpa, ou de que aquele tipo de dúvida é inapropriada, é pecado.

Não se pode julgar o comportamento de uma criança, que está em fase de constantes descobertas, em bonito, feio, pecado, errado ou certo. Uma atitude que, aos olhos de um adulto, é



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

incorreta, para a criança pode ser um gesto normal, para descobrir o que existe de diferente e de novo entre as pessoas.

Atualmente existem vários autores especializados no estudo da educação sexual na infância, no âmbito escolar. Os professores precisam conhecer mais sobre o assunto, buscar se especializarem e angariar informações sobre experiências bem-sucedidas de outros profissionais, além de compreender melhor o universo infantil. Deve-se também integrar a este trabalho a participação dos pais e da família. Este conhecimento precisa estar construído antes de se planejar qualquer prática pedagógica a ser trabalhada.

O tema – através da leitura, do estudo, de pesquisas realizadas na escola – é possível de ser bem trabalhado, uma vez que seria dessa forma, traçando as dificuldades enfrentadas pelos professores que haveria gradativamente a resolução destas. A partir daí os professores poderão criar vários métodos para facilitar a aprendizagem da criança.

O papel do educador está muito além do que se imagina, sendo assim uma das tarefas mais difíceis de serem realizadas. Segundo uma pesquisa feita pela educadora Paín e sua equipe, o objetivo da educação sexual infantil, para ser atingido, deve considerar três elementos fundamentais nesse processo: as crianças, os professores e a família. O educador, em particular, precisa pensar a sexualidade humana como construção cultural, construindo e aprofundando conhecimentos sobre o tema, repensando tabus, sensibilizando a escola e a família, desenvolvendo estratégias que facilitem o trabalho com as crianças.

Desse modo, pode-se observar a grande missão dos professores para com as crianças, em especial neste contexto temático. Devem, destarte, estarem preparados para cumprir essa missão, estando sempre abertos a mudança, uma vez que as relações humanas não são estáticas, mas dinâmicas.

### **Conclusão**

A educação sexual na infância ainda é um trabalho considerado difícil pelos professores, que se sentem pouco à vontade para tratar sobre o assunto em sala de aula com as crianças, mas que em contrapartida, sentem-se obrigados a fazê-lo, devido as necessidades percebidas na realidade da vivência da sexualidade infantil. São perguntas, conversas, desenhos, brincadeiras feitas pelas





# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

crianças que muitas vezes deixam os professores inquietos, inseguros e embaraçados. As causas de todo esse constrangimento são várias e vai desde o despreparo até a falta de habilidade para lidar com o assunto por conta do não apoio dos pais.

Esta análise foi fundamental, dessa forma, para levantar as discussões acerca da relevância de se debater a sexualidade infantil no cenário escolar de nível básico. Trazer essa temática à escola ajuda a melhorar o conhecimento estudantil e a tirar as dúvidas que surjam sobre sexualidade, para que os alunos não procurem sanar tais questionamentos em ambientes inadequados ou despreparados. Com o passar do tempo haverá uma crescente diminuição nos preconceitos existentes, porém, para isso, é importante a participação e contribuição da família e sociedade junto à escola, para tornar efetivo o processo de aprendizagem e discussão sobre a educação sexual.

## **Bibliografia**

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Brasília: MEC, 2001.

CAMARGO, Ana Maria Faccirole de; RIBEIRO, Cláudia. Sexualidade(s) e Infância(s). São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

EGYPTO, Antonio Carlos. Orientação Sexual na Escola: Um Projeto Apaixonante. São Paulo: Cortez, 2003.

FREUD, Sigmund. Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: Pequena Coleção das Obras de Freud; trad. P.D. Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 1973. v.2

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. A formação da leitura no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Ática, 1999.

MULLINAR, Gill. Orientação Sexual para Adolescentes. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação Sexual Além da Informação. São Paulo: EPU, 1990.

SOUZA, HÁLIA Pauliv de. Orientação Sexual: conscientização, necessidade e realidade Curitiba: Juruá. 1999.

SUPLICY, Marta. Sexo para Adolescentes: Amor, Homossexualidade, Masturbação, Virgindade, Anticoncepção, AIDS. 3 ed. São Paulo: FTD, 1995.